



O Livro Galáxias e a Cibercultura¹

Dominique Lemes CHAGAS²

Romilson, SANTOS³

Centro Universitário do Sul de Minas, Varginha, MG

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo abrir um horizonte em pesquisas de comunicação para maior entendimento do que é interatividade nos suportes midiáticos das teorias de comunicação da Cibercultura. Para isso, adotou-se o livro Galáxias, de Haroldo de campos como objeto de estudo, a fim de relacioná-lo com tais teorias e conceitos para uma possível aplicação dos elementos do livro à interatividade. Este estudo abrange pesquisas bibliográficas em teoria da comunicação, conceitos de interatividade, autores que influenciariam Haroldo de campos na concepção e construção da obra.

PALAVRAS-CHAVE: galáxias; interatividade; cibercultura;

O Objeto de estudo escolhido para o desenvolvimento desse trabalho é a obra Galáxias de Haroldo de Campos, que ao ser lançado foi qualificada como experimental por trazer uma estrutura inovadora. Nas próprias palavras de Haroldo de Campos, Galáxias “não é um livro de viagem”, ele permite ao leitor abertura de novas maneiras de observar, organizar e interagir com a espacialidade da informação. Assim sendo, almejamos compreender se a obra possui o caráter interativo que a possa ser justaposto nos suportes midiáticos da Cibercultura. Para tanto é necessário estudos em teorias da comunicação, entendimento do processo comunicacional de troca e produção de mensagens e desconstrução da estrutura narrativa da obra.

Buscamos estabelecer uma relação entre a atmosfera do livro Galáxias e a da cibercultura, para que através dos resultados obtidos possamos aplicá-lo não apenas nos suporte midiáticos interativos, ressaltando, portanto, que a tecnologia não pressupõe interatividade e sim a organização correta dos signos no espaço midiático.

Haroldo de Campos

Nascido em 19 de agosto de 1929, Haroldo Eurico Browne de Campos, foi um tradutor, poeta, ensaísta, escritor, professor de muita expressão no cenário literário nacional e internacional. Morreu em 16 de agosto de 2003 tendo deixado como legado inúmeras obras dentre outros feitos. A década de 90 foi marcada na vida dele por receber o título de professor emérito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da

² Bacharel em Publicidade do UNIS-MG, email: dominique_lc@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Publicidade do UNIS-MG se



(PUCSP) , o título de doutor honoris causa pela Universidade de Montreal, no Canadá, o prêmio Octavio Paz, no México , o Prêmio Jabuti de Personalidade Literária do Ano e ganhou ainda o Prêmio Jabuti de Poesia, com o livro *Crisantempo* nessa mesma década sua biografia foi incluída na Enciclopédia Britânica. Entre seus livros mais importantes estão *Servidão de Passagem*, *Galáxias*, *Xadrez de Estrelas*, no campo da poesia, e *Ideograma*, *Morfologia de Macunaíma*, *A arte no Horizonte do Provável* e *Revisão de Sousândrade*.

Haroldo, o irmão Augusto e Pignatari criaram anos mais tarde (1956) o movimento concretista que inicialmente era no campo da literatura, depois se fundiu para a música e por fim na poesia. Neste projeto esteve engajado por 11 anos , após este período começou sua própria trajetória e concentrando ainda mais seus esforços na obra *Galáxias*. (PRAZERES, 2001)

Haroldo e o Livro Galáxias

Após o período concretista, mas especificadamente no ano de 1963, Haroldo começa seu trabalho em *Galáxias*, o mesmo foi escrito entre os anos de 1963 à 1976, porém seu lançamento se deu em 1984. Sua classificação em um cenário literário, que agrupam-se texto por similaridade , encontramos em sua estrutura híbrida, dinamitar os limites entre a poesia e a prosa. (PRAZERES,p.1, 2001)

Perguntando a Paulo Lemisnk se *Galáxias* é um livro de prosa ou poesia ele responde :

Entre a força centrífuga da prosa e da centrípeta poesia, esse livro representa uma síntese, uma espécie de momento de repouso entre dois ímpetos que seguem em direções opostas. Nesta experiência literária, Haroldo de Campos partiu também de extremos opostos, como contentação alucinada do *Frinnegas wake*, o derradeiro romance do irlandês James Joyce. No final, a prosa parece sair ganhando um pouco no livro de Haroldo de Campos. E, no ambiente da prosa, *Galáxias* representa a experiência mais radicalmente inovadora levada a cabo no Brasil desde 1956 quando foi publicado *Grande Sertão*, de João Guimarães (LEMINSK, 2001 apud DIRK, 2002 p.243 grifo do autor)

Percebemos então que, *Galáxias*, desde o principio, possui um caráter experimental, na qual a língua incorporar-se viva, dinâmica e pulsante. Sua veracidade se materializa uma segunda edição, em 1992, na qual o livro vem acrescido de um CD, contendo a leitura, pelo próprio autor, de dezesseis fragmentos, amparados pela cítara de Alberto Marcicano e produzido por Arnaldo Antunes Fragmentos do livro também foram para o cinema e música. (PRAZERES, p.2, 2001)

Galáxias e toda sua produção simbólica estão muito mais presente na vida de um comunicador do que podemos imaginar, ele é a palavra viva, é o signo correto, é transposição tempo, espaço. É organizar o signo em um espaço. Este livro te faz



transcender e repensar em como alocar corretamente o peso específico de cada palavra. Assim como a poesia é viva, a comunicação também é, portanto, Galáxias é um fenômeno de comunicação, que vai além que uma página estática da internet.

Teorias da comunicação

Através dos anos, assim como a sociedade a comunicação também se transformou, e muitos estudos foram apontados, que contribuíram para as teorias da atualidade, mas vamos nos atentar nesse trabalho para aqueles desenvolvidos por Pierre Lévy. Este nos apresenta o termo Cibercultura e a era virtual, os quais têm como base a forma de entender este novo mundo com o advento da tecnologia, principalmente, as redes de computadores e a internet. “A Cibercultura é o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem com o ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.17).

Ciberespaço é o espaço onde acontece a comunicação nesse novo cenário cibernético, ele surgiu com a interconexão mundial dos computadores e não representa apenas a infraestrutura, mas agrega os que navegam nas suas páginas e os que alimentam com múltiplos conteúdos e recursos colaborativos. Com isso ele amplia e se torna 'universal', não possui nem centro nem linha nem diretriz. É um vazio, sem conteúdo particular, ele aceita todos em detrimento ao mundo informacional que é totalizável.

O ciberespaço admite que os indivíduos mantenham-se conectados involuntariamente e independente do local geográfico. Há uma nova territorialização dos conhecimentos o que endossa e suporta o desenvolvimento da inteligência coletiva, conceito este desenvolvido também por Lévy. Dessa maneira, todos estão conectados e fazem parte de um mesmo ambiente e a medida que relações são estabelecidas eles se interligam, reafirmando a ideia de aldeia global já apontada por McLuhan.

Lévy conceitua que esta nova “ordem” de “interligação propõe um inteligência coletiva, esta por sua vez, tem ciberespaço o seu suporte (1999, p.29), Trata-se, segundo o autor, de “uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (1999, p.28). O autor também afirma que esta expressão caracteriza-se em:

Uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências. Acrescentamos à nossa definição este complemento indispensável: a base e o objetivo da inteligência coletiva são o



reconhecimento e enriquecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas. (Lévy, p.28-29, 2003).

Levy continua caracterizando esta inteligência coletiva em dois conceitos: cooperação e competição, que por sua vez tais conceitos são complementares: “só pode existir desenvolvimento da inteligência coletiva se houver uma cooperação competitiva ou competição cooperativa (...). É a partir do equilíbrio entre competição e cooperação que nasce a inteligência coletiva” (Lévy, 2003).

A competitividade, nesse contexto, está ligada a liberdade e autonomia dos envolvidos no processo de comunicação e produção de mensagens, em discutir e construir novos pensamentos abrindo diversas possibilidades de debates e exposição de ideias. Enquanto a cooperação traz em si uma conexão social por conta do dinamismo criado pelos mesmos. Não há inteligência coletiva se existe totalização.

Lévy ao fazer uma fusão com as ideias de Macluhan a respeito de que o "meio é a mensagem" diz, [...] "a mensagem dessa mídia é universal, ou sistematicidade transparente e ilimitada.[...] , portanto este conceito de universal, analisa-se com o virtual, que se realiza por imersão, ou seja, estamos todos no mesmo banho, no mesmo dilúvio de comunicação, não havendo espaço para fechamento semântico ou uma totalização, encontramos interligados, mas não contemos a condição de total, pois isso limitaria as perspectivas desta condição de totalização. Nessa configuração o ciberespaço se firma em uma infraestrutura que é apoiada ao conceito e ao formato do hipertexto.

É importante destacar que a Cibercultura está ligada ao surgimento de uma nova cultura, na qual as pessoas começam a utilizar os computadores para se comunicar juntamente com fenômeno social sofrido por conta do aparecimento do suporte internet.

Com isso, chegamos ao ponto crucial desse trabalho que busca entender qual é este conceito de interatividade, previsto principalmente nos estudos desenvolvidos na Cibercultura.

Interatividade

Ao tentar conceituar o termo “interatividade”, é possível se deparar com vários conceitos, o que nos leva a supor que uma definição concreta se torna difícil devido as diversas formas tangíveis e intangíveis de encontrá-la. Por conta disso, ela ganha um caráter mais determinado quando ligado à tecnologia, por encontrar nela, de algum modo, uma tangibilidade que sugere atividade entre homem x máquina.



A palavra interatividade é nova, sendo incorporada no dicionário de língua portuguesa por volta de 1990. Muitos teóricos apontam-na, como potencial de viabilizar a ação do receptor de forma mais instantânea e dinâmica em uma mensagem, constituindo um dos principais elementos na transformação dos processos cognitivos e sociais que é fruto das tecnologias digitais.

Encontramos um conflito com o sentido etimológico e os estudos no contexto da Cibercultura:

[...] há uma diferenciação entre interatividade e interação. A primeira estaria relacionada ao contato interpessoal, enquanto a segunda seria mediada. A interatividade seria um tipo de comunicação encontrada não somente em um equipamento, mas também em sistemas que proporcionem interação ou um meio para consegui-la. (LEMOS, 1997 apud SANTOS, 2008, p.12)

Com este pensamento, nem toda atividade que proporcione interação pode ser considerada interatividade e esta atividade, a de proporcionar interação, pode acontecer não somente em equipamentos eletrônicos, mas o que irá determinar e resolver isso, é a disposição do meio em alcançar a resposta do receptor da mensagem, assim sendo ela funda-se em mediações simbólicas como: palavras, leis, livros, imagens, ou como a significação da ação em conseguir uma comunicação entre as duas partes.

Para Lévy (1999), o que caracteriza a interatividade é a possibilidade, crescente com a evolução dos dispositivos técnicos, de transformar os envolvidos na comunicação, simultaneamente, em emissores e receptores da mensagem. O que acontece atualmente é essa atividade estar diretamente ligada à tecnologia.

Desse modo Thompson (1995, p. 120, grifo nosso) “define três tipos de interação – ‘interação face a face – “interação mediada”- e “quase-interação mediada””, e nessa perspectiva, cada tipo de interação é encontrada nos meios de comunicação.

Com o passar dos anos e as transformações sociais Thompson vê o cenário atual como uma renovação dos processos: [...]Mas a importância crescente da interação e quase-interação mediada, e o desenvolvimento gradual de novas formas de recepção e apropriação (tais como a leitura silenciosa, a pratica solitária), significam que a vida social no mundo moreno é cada vez mais feita de formas de interação que perdem seu caráter imediato. Como o surgimento da interação e quase-interação mediada, a “mistura interativa” da vida social mudou. Cada vez mais indivíduos preferem buscar informações e conteúdo simbólico em outras fontes do que nas pessoas com quem interagem diretamente mais interligados ao intercambio simbólico mediado. [...] (THOMPSON, 1995, p. 121, 122)

Nesse aspecto, colocamos em questão o homem e sua relação com a sociedade, não podemos separar, mesmo em se tratando de formas diferentes de interação, que a prática social do indivíduo vai determinar como melhor gerir, a fim de obter o objetivo inicial da mensagem.



Cameron, 1995 diz a que “a interatividade refere-se à possibilidade de uma platéia participando ativamente no controle de uma obra de arte ou representação”(tradução nossa), com isso qualquer representação pode ser interativa se o receptor puder ter controle e interferência direta à ela.

Podemos nos basear, para melhor entender os modelos de comunicação dentro das teorias já desenvolvidas, e como introduzi-la no cenário da tecnologia na seguinte configuração “O primeiro a esboçar modelos circulares foi Saussure (1919), descrevendo os sinais sonoros em fluxos: de um emissor a um ouvinte e de volta ao emissor. Como diálogo.” (apud SANTAELLA, 2011, p.52) portanto o diálogo e a transmissão dele sempre foi o ponto de partida para interação, porém com a chegada da cibernética o cenário começou a mudar uma vez que mesmo não estando de corpo presente podemos ter um novo modelo de comunicação “[...] com a cibernética e a tória de sistemas foram introduzidos novos conceitos circularidades no modelo de comunicação. [...]” (SANTAELLA 2011, p.52) Ou seja esses novos modelos de comunicação circulares, permite que sim que a tecnologia torne a interatividade mais acessível, uma vez que no mundo atual, o diálogo acontece de forma mesmo não estando frente a frente um com outro.

Galáxias e a interatividade

Analisando o livro “Galáxias” encontramos as seguintes características: é um livro sem pontuação gráfica, sem parágrafos, sem diferenciação tipográfica entre maiúsculos e minúsculos. Há incorporações de palavras em inglês, espanhol, latim, alemão e francês, e ainda a incorporação/criação de novos verbetes, não existe paginação, e a única associação para a contagem, é que ao final de um “poema/prosa” existe um espaço em branco. Na segunda edição além do CD, que trouxe a leitura do autor de 16 fragmentos do livro, havia um uma catalogação por datas de quando Haroldo de Campos escreveu cada um dos 50 fragmentos do livro. Com estas características tão específicas, como um receptor, pode assim, começar a leitura deste livro ? Qual seria a proposta do mesmo? Como encontrar respostas para um entendimento de um livro tão peculiar

Essa ruptura entre a prosa e poesia contida no livro galáxias permite ao leitor uma forma diferente de escolha do percurso de leitura, portanto não o limita a um esgotamento de possibilidades, permitindo assim, um nível de abstração e participação altíssimo do receptor da mensagem e por isso a interatividade se torna presente.



Ler uma obra literária do nível de abstração das Galáxias requer o esvaziamento e entendimento do todo, e não apenas de uma parte, visto tais características peculiares não se deve iniciar a leitura de tal obra de maneira totalmente pragmática afinal ele não é pragmático.

Se considerarmos o que Peirce (apud PIGNATARI 2004) diz a respeito do sentido icônico de uma sentença “ o arranjo de palavras de uma sentença, por exemplo, deve funcionar como ícone, para que a semelhança possa ser compreendida”, nos leva a entender que, mesmo não tendo sido a princípio a ideia do autor de desfragmentar o livro, desfragmentando-o em 50 poemas cada um deles é um ícone e que a incorporação de palavras estrangeiras não penaliza a leitura. O autor diz que o ícone é o signo da descoberta, e o galáxias é um livro de descoberta.

Trazendo o conceito para a Cibercultura que propõe seus níveis de todos para todos, somente se estabelecerá enquanto comunicação e principalmente mediação se continuarmos a ver o individuo interligado, mas não como todo, voltando a ideia de universal em detrimento a totalidade.

Assim sendo para conseguir ler o livro, inicialmente devemos entender que tais características no levam a constatar que se trata de uma obra hipertextual, que sua leitura dever-se-há acontecer pelo conceito de hipertexto.

Já que a leitura do livro Galáxia é hipertextual, neste momento vamos entender e discorrer o que o teoria nos traz sobre isto. Segundo Boettcher (2009)

O hipertexto permite ao leitor formas variadas de leitura, uso, manuseio e uma pluralidade de possibilidades de interação, por ser uma rede multidimensional com nós e links que possibilita uma leitura descontínua[...] (BOETTCHER, 2009 apud DESSBESELL, FRUET, p.43, 2012)

Ted Nelson foi o primeiro a utilizar o termo, não foi o inventor da idéia de hipertexto. Segundo Burke (2002, p.54 apud Aquino 2010?), os manuscritos do início da Europa Moderna continham textos “menos fixos e mais maleáveis do que os impressos”. Isso em função da possibilidade do responsável pela transcrição desses manuscritos poder “acrescentar ou subtrair algo dos versos que copiava”. (apud Aquino 2010) Hipertexto também é um modo de interagir com textos diferentes interligando informações intuitivamente e associativamente. (HEIM, 1993 apud Grillo 2006).

Com isso, o hipertexto, possibilita a abertura, a abstração e a completude da palavra por si só, sem a necessidade da interferência do autor, pelo contrario, o leitor é autônomo para por si mesmo desenvolver seu plano de leitura, é como um novo autor abrindo possibilidades de uma autoria coletiva e, Haroldo de Campos, assim fez na obra Galáxias.



A aplicação da prática hipertextual, foi bem empregada e difundida com o nascimento da *World Wide Web*, pois permitiu a disposição do conteúdo na web através do suporte internet, porém vale ressaltar que, todo este estudo não ocorreu por conta dela, tampouco após seu surgimento.

Portanto a tecnologia e o suporte internet, mais ainda no conceito de web 2.0, tornaram e a interatividade mais acessível, facilitou o acesso a informação, permitiu que pessoas se conectassem de forma simultânea, ela é amparada ao conceito de aldeia global, porém esta qualidade, não é exclusiva dos suportes da Cibercultura, pelo contrário, a conceituação e os estudos acerca de interatividade é antes do aparecimento da mesma.

A semiótica poderá nos auxiliar, a fim de demonstrar como organizar de forma interativa os signos para a comunicação, principalmente se entendermos que esse novo modelo de comunicação temos o ciberespaço como suporte midiático.

Assim as tecnologias permitiram muitos avanços, porém ao alocarmos isto a comunicação na Cibercultura, muitas produções de mensagens, ainda coloca o individuo em uma condição passiva, sem o fazer participante da mensagem.

Conclusão

Conclui-se que é possível a aplicabilidade da estrutura narrativa presente no livro galáxias enquanto leitura interativa nos suportes mediático da Cibercultura, uma vez que o próprio conceito de Cibercultura é do de interligação entre todos os participantes da mensagem, desde seu suporte (ciberespaço), seu emissor e seu receptor/emissor. De fato, essa aplicabilidade poder-se-á ocorrer em qualquer suporte midiático se a organização dos signos se der de maneira em que o receptor esteja livre para participar, interagir, interferir na mensagem.

Galáxias é um livro interativo, que propôs quando escrito, uma forma diferenciada de atingir o leitor para que ele fosse parte da mensagem e, portanto fosse a própria mensagem. Haroldo de Campos pretendeu fazer deste livro, como um diário de viagens, das suas viagens, afinal, cada incorporação de um verbete em outros idiomas, fazia relação com o país no qual ele estava para escrever tal poesia. Do mesmo modo que onde hoje encontramos, em suportes digitais, nas redes sociais como *facebook*, por exemplo, nossos diários de bordo, onde pessoas contam suas viagens, histórias e torna público através desse ciberespaço suas concepções da vida, daquele momento.



Algo que nos chamou a atenção ao desconstruir a obra era a capacidade de Haroldo de Campos em criar novas palavras a partir de outras, seja por livre vontade ou por meio de junções, além de alocar palavras de outros idiomas no contexto do poema isto entre os anos de 1963 à 1976. Entretanto, isso é tão presente na vida cibernética onde pessoas criam a partir de *hashtags*, novas palavras, estas *hashtags* contam uma história que também muitas vezes vem carregada de palavras em outros idiomas.

O interessante é perceber que a Cibercultura possibilitou esta nova forma de escrever que até então ficou restrita a grandes escritores, já que tanto Haroldo de Campos em *Galáxias* e James Joyce em *Finnegans Wake* e *Ulysses* trazem esta característica.

O que a Cibercultura promove é a automatização dos processos, é a agilidade de interligação entre os emissores e receptores, não que o livro não o pudesse fazer, a problemática está no possível atraso para que houvesse uma alocação de ideias entre dois ou mais leitores da obra, que hoje é conseguida com apenas um click, onde pessoas em diferentes países, em diferentes horários podem se conectar através de um mesmo assunto, isso é o que Lévy defende enquanto a criação de inteligências coletivas

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto A pesquisa noite-americana In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Org.). **Teorias da comunicação** conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001. cap. 1, p. 119-130. (Parte II).

AQUINO, Maria Clara. **UM MAPEAMENTO HISTÓRICO DO HIPERTEXTO** Surgimento, desenvolvimento e desvios da aplicação da escrita hipertextual. [2010]

CAMERON, Andy. *Dissimulation: Illusion of Interactivity*. 1995. Disponível em <http://mfjonline.org/journalPages/MFJ28/Dissimulations.html>. Acesso em 20 nov. 2014.

CAMPOS, Haroldo de. **Galáxias**. São Paulo: 34, 2004.

CAMPOS, Augusto; CAMPOS, Haroldo; PIGNATARI Décio. **Teoria da poesia concreta**: textos críticos e manifestos 1950-1960. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006.p120

DIRK, André Henrique . **Un coup de dès**: o testament do espaço do mallarmeano. 2002. 270f. Dissertação (Mestrado) - Acadêmica Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

DESSBESELL Daiane Luza; FRUET Fabiane Sarmiento Oliveira. O potencial do Hipertexto para o ensino-aprendizado da leitura. **Temporis (ação)**, v. 12, n. 1, p. 40 - 59, jan./dez. 2012.

ENCICLOPÉDIA Itáu Cultura. **Haroldo de Campos**. 2011. Disponível em : < http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=bio



grafias_texto&cd_verbete=5178&cd_item=35&cd_idioma=28555 >. Acesso em : 15 set. 2014.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudo Culturais In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Org.). **Teorias da comunicação** conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001. cap. 2, p. 151-169. (Parte II).

FALEIROS, Álvaro. Um lance de dados: contraponto à sinfonia haroldiana. **Revista de Letras**. São Paulo, 2007 v.47, n.1, p.11-30, jan./jun. 2007.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. p.32 (Apostila).

FRAGOSO, Suely. de interações e interatividade. **X Compós**. Brasília. 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 44.

GILFRANCISCO. **Haroldo de Campos**: o argonauta das galáxias ou gosto pelo infinito. [1990?]

GRILLO, Karla . **Hipertexto: Livro didático**. 2 Ed. Palhoça: Santa Catarina, 2006. 170p. (Manual)

GUIMARÃES, Rodrigo . A estética neobarroca do poema galáxias de Haroldo de Campos . **AISTHE**, Rio de Janeiro, , v. 3, n. 4, p. 90-103, 2009.

HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Org.). **Teoria da comunicação**: conceitos, escolas, tendências. 2. ed. Petrópolis: Vozes; 2002.

HAROLDO de Campos , **Da Página 3 Pedagogia & comunicação**. 2003. Disponível em : < <http://educacao.uol.com.br/biografias/haroldo-de-campos.jhtm>> . Acesso em: 15 set. 2014

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo : Aleph, 2008.

JOYCE, James. **Ulysses**. Trad de Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Record,1952.

_____, **Finnegans Wake**. South Australia : Adelaide 2014 p. 1-25

JULIO NETO, ROCKER **O mosaico de linguagens na narrativa hipertextual de Valêncio Xavier**. 2008. 138f. Dissertação (Mestrado) Acadêmica Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2008

LEMONS, André L. M. **Anjos interativos e retribalização do mundo**: sobre interatividade e interfaces digitais. 1997. Disponível em: . Acesso em: 25 maio 2014.

LÉVY, Pierre. **A inteligência Coletiva**: Por uma antropologia no ciberespaço. 4. Ed. São Paulo: Edições Loyola; 2003

_____, Pierre. **Cibercultura**. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 1999.



_____, Pierre. **Estamos todos conectados**. 2004. . Acesso em 15 novembro 2014.
(entrevista)

MCLUHAN, Marshal . **Os meios de comunicação como estão do homem**. 3 Ed. São Paulo: Editora Cultrix; 2005 . Tradução Décio Pignatari

MELO, Ronilson Ferreira . **A gesticulação semiótica de e.e. cummings na tradução de Augusto de Campos** . 2006. 128f. Dissertação (Mestrado) Acadêmica Universidade Estadual do Ceará, Ceará . 2006

MORAIS, Denis (Org). **Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder**. 3.ed. Rio de Janeiro : Record 2005.

MONTEIRO, Marcio Waris. **A falácia da interatividade: Crítica as prática glocais na cibercultura**.2006. 128f. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo 2006.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica & Literatura**. 6 Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

PRAZERES, Armando Sérgio. “Galáxia Albina” e “Galáxia Dark”:uma inscrição poética da palavra no cenário eletrônico. **Revista Olhar** . 2003, ano 05, p. 36-39, 8, jan-jun 2003.

_____. Galáxias: análise da tradução intersemiótica da escrita verbal para o universo videográfico . **Intercom** . Campo Grande . 2001.

RÜDIGER,Francisco. A escola de Frankfurt In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Org.). **Teorias da comunicação** conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001. cap. 2, p. 131-149. (Parte II).

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTOS, Eder . **Intertividade: Conceitos** [S.l.:s.n], 2008. Disponível em : <<https://blog.ufba.br/dancanovasmidias/2008/10/23/24/>> . Acesso em: 25 maio 2014.

THEALL,Donald; THEALL Joan. Marshall Macluhan and James Joyce: Beyond Media. **Canadian Jornal of communication . Special Issue** . 1989, Canadá, v.14, nº4, p.46-66

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. 14 ed. Petropolis : Vozes. 1995

TRIVINHO, Eugencio ; CAZELOTO, Edilson (Org p). **A cibercultura e seu espelho: Campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa** . São Paulo: ABCiber.2009